

# O homem de negro por trás da corte

(em inglês, p. 194)

NANCY RIDEL KAPLAN

*Pós-doutoranda no Departamento de História/IFCH/Unicamp*

**RESUMO** Entre os integrantes da corte dos Gonzaga na *Camera picta*, Mantegna pintou um homem de negro cuja identidade é desconhecida. Uma hipótese possível é a de que seja o humanista e educador Vittorino da Feltre, figura fundadora do humanismo mantuano. Foi o criador da Giocosa, a primeira escola que realizou a fusão dos ideais humanistas com os princípios cristãos e se transformou em um centro de erudição e no mais renomado colégio humanístico. Ele não escreveu nenhum texto. Apesar disso, a influência humanista da sua escola na educação e no caráter moral abrangeu todo o Renascimento por meio da ação de seus alunos.

**PALAVRAS-CHAVE** Vittorino da Feltre, Giocosa, Gonzaga, Renascimento italiano, cortes italianas.

**ABSTRACT** *Among the Gonzaga court members in the Camera picta Mantegna painted a man in black whose identity is unknown. A possible explanation is the one which identifies him with the humanist and educator Vittorino da Feltre, founding figure of the Mantuan humanism. He was the creator of the Giocosa, the first school that fused the humanist ideals with the Christian principles and which become a centre of erudition and the most renowned humanistic school. He never wrote a single text. Despite that, the humanist influence of his school in the education and the moral character embraced the whole Renaissance through the actions of his pupils.*

**KEYWORDS** *Vittorino da Feltre, Giocosa, Gonzaga, Italian Renaissance, The Italian courts.*

Entre os integrantes da corte dos Gonzaga na parede norte da *Camera picta* [Fig. 1 e 2],<sup>1</sup> encontra-se um homem de cabelos grisalhos sobriamente vestido de negro entre os trajes de cores vivas e tecidos adamacados [Fig. 3]. Sua identidade é desconhecida. Uma hipótese possível é a de que seja o humanista e educador Vittorino da Feltre (c.1378-1446),<sup>2</sup> figura fundadora do humanismo mantuano.

Já se haviam passado 28 anos desde a morte de Vittorino quando Mantegna (1430/31-1506) escreveu a data de 1474, término dos trabalhos de decoração da *Camera picta*, na dedicatória ao marquês Ludovico (1414-1478).

Ludovico III Gonzaga, segundo marquês de Mântua, foi um dos maiores comitentes do *Quattrocento*. A extensa correspondência guardada nos arquivos mantuanos revela seu empenho pessoal em cada projeto.

Os Gonzaga eram feudatários da província. O antepassado mais antigo de que se tem notícia é um burguês, Filippo Corradi, cujos descendentes foram chamados *dei Corradi di Gonzaga*, provavelmente por residirem próximo ao Gunziaga, afluente do Pó. Em 1189, Corbello Gonzaga era assessor do *podestà* de Mântua e, dez anos depois, foi investido do feudo de Campitello. Em dezembro de 1287, Guido Gonzaga recebeu grande extensão de terras dos beneditinos do monastério de San Benedetto di Polirone. Fazia parte do Conselho que elegeu Rinaldo Bonacolsi como Senhor de Mântua. A 16 de agosto de 1328, os Bonacolsi foram expulsos da cidade por uma revolta comandada pelos Gonzaga. Um dos filhos de Guido, Ludovico (1268-1360), dono de grande fortuna, tornou-se o capitão geral de Mântua, senhor da cidade que a família governou até 1708. Ludovico teve como sucessores no cargo de capitão geral o filho Guido, o neto Ludovico II e o bisneto Francesco. Em 1433, Gianfrancesco (1407-1444), o filho de Francesco e Margherita Malatesta, obteve o título de marquês de Mântua em troca de 120 mil florins de ouro pagos a Sigismundo, imperador do Sacro Império Romano-Germânico. No mesmo ano, seu herdeiro Ludovico casou-se com Bárbara de Brandenburgo, sobrinha do imperador. O casamento fora acertado durante a infância de ambos e Bárbara vivia na corte desde então. Era uma mulher culta e inteligente, educada que fora por Vittorino da Feltre, e mantinha corres-

pondência com eruditos e artistas. Considerada pelos contemporâneos um exemplo de esposa e mãe, sua principal preocupação era a educação dos dez filhos. Os vínculos com a corte imperial, por intermédio da parentela de Bárbara Hohenzollern de Brandenburgo, mostraram-se úteis para a família.

Os Gonzaga eram *condottieri*. Lutavam a soldo das cortes de Milão, Veneza, Florença e Nápoles – em algumas ocasiões, por duas cidades rivais ao mesmo tempo. Ludovico foi deserdado em 1437 por combater pelo duque de Milão enquanto o pai servia aos venezianos. Mais tarde, foi perdoado e reintegrado como herdeiro. Tornou-se marquês de Mântua no ano de 1444.

Em meados do século XV, Mântua possuía uma população de cerca de 25 mil habitantes. Era uma cidade do mesmo tamanho que a vizinha Ferrara e bem menor que Veneza ou Milão. A situação política encontrava-se estável, graças à diplomacia, à eficiente eliminação de rivais, inclusive entre os próprios familiares, e a uma série de alianças matrimoniais com as famílias reinantes das cortes setentrionais.

O centro, e também o símbolo do poder, era o palácio ducal, antigo *palazzo del Capitano*, sede da comuna na praça principal. Fora aumentado pela adição do castelo San Giorgio, uma torre quadrada fortificada que recebera melhoramentos durante o século XIV.

Gianfrancesco empreendeu muitas obras em Mântua, mas foi o filho Ludovico, que dirigiu a cidade de 1444 a 1478, quem a transformou em um dos principais centros do Renascimento.

Ludovico, conhecido como “o Turco”, possuía reputação de soldado e político competente e enriqueceu a cidade. No ano de 1459, conseguiu persuadir Pio II a escolher Mântua como sede do congresso que deveria promover a cruzada contra os turcos,<sup>3</sup> a Dieta de Mântua, acenando com a promessa da presença de Frederico III, o que não ocorreu, apesar da corte papal ter ali permanecido por nove meses, assim como tampouco se realizou a cruzada. Talvez na escolha de Mântua pesasse também a questão poética, já que se tratava da terra natal de Virgílio.<sup>4</sup> Nos *Commentarii*,<sup>5</sup> o papa escreveu que, “ao Pio Enea parecia necessária cortesia devolver à pátria do cantor de Enéias a glória que o suave Virgílio àquele nome havia legado”.

Pela primeira vez, Mântua era centro de um acontecimento histórico e atraía a atenção do mundo

ocidental. Ludovico empreendeu transformações urbanísticas com o propósito de recepcionar condignamente o papa, sua corte, o imperador e os príncipes, todos hospedados às suas expensas.

A dieta não obteve alcance político. Estendeu-se por oito meses. O papa e sua corte precisaram aguardar pelos outros participantes, enquanto os turcos conquistavam Atenas e invadiam o Peloponeso. Nas palavras de Eugenio Garin,<sup>6</sup> “foi um congresso deserto, cercado de desconfianças e hostilidades”. O calor era intenso e úmido e alguns cardeais queixavam-se de terem sido conduzidos a Mântua para ali morrer, como de fato sucedeu ao orador de Siena, Giovanni di Mignanelli.

Para Mântua, no entanto, foi um período admirável. Sediar o congresso constituiu uma importante vitória diplomática, já que impunha a cidade como a nova Roma. Na despedida, o marquês Gonzaga e a mulher acompanharam o papa pelo rio até Revere. Apesar das despesas excessivas com o evento, Ludovico alcançara grande prestígio pessoal. Conseguiu que o pontífice declarasse como verdadeira a relíquia com o Santo Sangue de Cristo, guardada na cripta de Sant’Andrea e, no ano seguinte, obteve o cardinalato para seu segundo filho, Francesco, de apenas 17 anos.

No entanto, a corte papal não ficara bem impressionada com a cidade. Pio II criticou as ruas lamacentas e de aparência desagradável. A resposta de Ludovico foi iniciar um programa de renovação urbana que modificou a aparência do centro da cidade, com muitas obras no palácio ducal e demais castelos.<sup>7</sup> Começou por transferir-se da Corte Vecchia para o castelo San Giorgio, reestruturado por Luca Fancelli (1430-95).<sup>8</sup> As ruas foram pavimentadas, o Mercado Velho e o Pallazo del Podestà restaurados, iniciou-se a construção de uma nova torre do relógio.<sup>9</sup>

O grande projeto do pai de Ludovico, Gianfrancesco, fora a decoração do salão de recepção do palácio ducal. Contratara Pisanello (c. 1395-1455),<sup>10</sup> que pintou um afresco com o tema do rei Artur e os cavaleiros da Távola redonda em busca do Santo Graal, o cálice em que José de Arimatéia recolhera o sangue de Jesus crucificado. Em Mântua, a representação dessa lenda tem um significado especial porque a cidade, a primeira a ser cristianizada na península, é a guardiã do cálice com o Santo Sangue, trazido da Terra Santa por São Longuino<sup>11</sup> logo após a cru-

cificação.<sup>12</sup> A fonte da pintura de Pisanello era um romance francês do ciclo arturiano da biblioteca dos Gonzaga e incluía retratos da corte gonzaguesca. Os retratos eram uma referência à descendência mística dos reis cristãos levada a Mântua pelo casamento de Guido Gonzaga com Beatriz de Lorena, sua terceira esposa. O pouco que restou desse afresco, que ficou inacabado e foi recuperado há poucos anos, mostra cavaleiros com espadas e lanças e cavalos equipados com as cores dos Gonzaga, reputados criadores dos cavalos de raça que abasteciam as cortes européias. Tanto o estilo quanto o tema, o torneio, eram típicos do gosto corrente pela expressão visual dos ideais aristocráticos de uma nobreza que devia lealdade ao senhor feudal. O afresco atendia à necessidade de afirmação dinástica e glorificação da família Gonzaga.

Para dar expressão à nova imagem que desejava para Mântua, Ludovico foi auxiliado por Alberti (1404-1472), o grande teórico do Renascimento. No lugar do estilo tardo-gótico e temas de cavalaria, Ludovico optou pela linguagem da Roma antiga. É provável que ele tenha sido influenciado por Sigismondo Malatesta, senhor de Rimini, que iniciara as obras de remodelação do Templo malatestiano em 1450, de acordo com desenhos de Alberti que se baseavam na arquitetura da Antiguidade. Assim como Malatesta, Ludovico era senhor de um Estado pequeno e relativamente pouco influente e precisava se equiparar a cidades como Milão, de Francesco Sforza, que adotara o estilo gótico. A opção de Ludovico fazia que sua corte se tornasse diferente e imponente. A linguagem da Antiguidade sugeria a associação com um grande poder imperial. A mudança para o castelo San Giorgio propunha a idéia da continuidade de Roma pela própria forma de torre-fortaleza, que recorda o Castel Sant’Angelo em Roma.

A utilização do estilo clássico tornou-se um instrumento de autocelebração do marquês e de sua família, a renovação da cidade como renovação do Império. Para colocar em prática esse programa foi fundamental a presença do jovem pintor de Pádua Andrea Mantegna,<sup>13</sup> a quem, por volta de 1457, Ludovico Gonzaga conseguira persuadir a trabalhar em Mântua e ali se estabelecer como pintor da corte.

A primeira encomenda de Ludovico para Mantegna foi um tema sacro para a capela do castelo. A

seguir, veio o grande projeto de decoração da *Camera picta*, ou *Camera degli sposi*,<sup>14</sup> como mais tarde tornou-se conhecida a sala de representação do castelo *San Giorgio*. Em vez do tema arturiano, do ideal de cavalaria cortesã tipicamente medieval que seu pai escolhera, Ludovico encomendou a Mantegna a pintura de um ciclo de afrescos que exprimisse visualmente o prestígio da corte mantuana e acentuasse sua associação com as tradições imperiais da Roma antiga e não com as cortes da Europa do norte. Os temas escolhidos para o programa iconográfico eram dinásticos e imperiais.

A *Camera picta*<sup>15</sup> é um salão cúbico, com paredes de 8,05 metros. Ocupa o primeiro andar da torre setentrional do castelo San Giorgio, construído por Bertolino Novara entre 1393 e 1406. A sala possui duas janelas, a norte e a leste. O teto é uma abóbada que termina em uma superfície plana. Após a morte de Ludovico, tornou-se o local onde se guardavam os valores da família. Pode ter sido esse o motivo pelo qual Vasari não pôde vê-la. Na *vida* dedicada a Mantegna, Vasari cita brevemente o afresco: “No mesmo local [o castelo], há muitas figuras escorçadas de baixo para cima grandemente louvadas porque, apesar de ser o panejamento duro e rígido e a maneira um tanto seca, aí se vê tudo feito com muita arte e exatidão”.<sup>16</sup>

De acordo com uma inscrição, o início dos trabalhos de pintura da *Camera picta* foi 16 de junho de 1465. Nos arcos, foram pintados medalhões com os oito primeiros imperadores romanos e, nas lunetas, relevos de histórias da mitologia grega que reivindicam uma ascendência antiga e ideal para os Gonzaga. A escolha do mito de Orfeu<sup>17</sup> devia ser também uma referência ao apreço de Ludovico pela música.

No centro do teto, Mantegna pintou um óculo aberto para o céu, cercado por um parapeito, com damas da corte e *putti* que observam o marquês e seu mundo privilegiado. É o primeiro exemplo, desde a Antiguidade, de pintura decorativa ilusionista, de *trompe l'oeil*.

Em duas das paredes, há cortinas pintadas e nas outras, afrescos de Ludovico e familiares em um ambiente de corte e na frente de uma paisagem. Na parede oeste, no *Encontro*, Ludovico está ao ar livre em meio a seus herdeiros vestidos com trajes oficiais, o marquês como *condottiero* e o filho Francesco com a veste de cardeal. Não há consenso a respeito do significado da cena ou sobre quem são os demais personagens. Qualquer

que seja a interpretação dada, não resta dúvida de que a nomeação de Francesco como cardeal foi um evento fundamental para os Gonzaga, que alcançavam assim a legitimação do próprio poder por parte do papa e permitiam-se alimentar maiores ambições. O *Encontro*, que se dá em frente a uma cidade, uma Roma idealizada, é a expressão de um programa político que projeta o desejo de alcançar para a família o próprio papado.

Na parede norte, Ludovico é representado junto à sua família em um pórtico, o *atrium* romano. O grupo está à frente de uma balaustrada decorada com círculos de mármore, além da qual se vê um espaço com vegetação, como um jardim fechado, um *hortus conclusus*, que recorda a *Ressurreição do filho de Teófilo* de Masaccio (1401-28)<sup>18</sup> na capela Brancacci.

Trata-se da tipologia do edifício clássico romano, da *Domus* e do *Panteão*. Tem o valor simbólico de residência do imperador, identificado com o Sol, um dos emblemas dos Gonzaga.

A cena da *Corte* é um retrato doméstico e privado. Com segurança, pode-se reconhecer apenas o marquês Ludovico [Fig. 4] e a esposa, Bárbara [Fig. 5]. Estão cercados pelos filhos, familiares e cortesãos. E atrás do casal, na sombra, o homem vestido de negro [Fig. 2]. Dele, só é possível ver a cabeça e parte do peito, como um busto antigo. É uma figura séria, de grande dignidade, que mantém os olhos baixos no rosto vincado pela idade. Existe uma medalha [Fig. 6] feita por Pisanello logo após a morte de Vittorino da Feltre, a 2 de fevereiro de 1446,<sup>19</sup> que apresenta semelhança com a pintura da *Corte*. O fato de o homem de negro se encontrar em uma posição ao mesmo tempo tão discreta quanto central, porque é visto entre o casal reinante, indica sua importância. E realmente foi Vittorino quem conferiu um estilo à corte dos Gonzaga e tornou a cidade um centro de cultura.

Em 1422, o marquês Gianfrancesco, pai de Ludovico, convidou Vittorino da Feltre a se estabelecer em Mântua para ser o preceptor de seus filhos e cuidar da biblioteca. O objetivo, além de conseguir um ótimo preceptor para os filhos, era legitimar o poder da família por ter a seu serviço um homem tão culto. A presença e a atuação de Vittorino deram a Mântua o prestígio que Gianfrancesco tanto desejava.

Nascido em Feltre, nos Alpes venezianos, por volta de 1378, Vittorino di ser Bruto dei Rambaldoni da

Feltre foi para Pádua aos 18 anos. Ali, viveu os 19 anos seguintes, com a exceção de dois breves períodos em Veneza, até transferir-se definitivamente para Mântua.

De acordo com Baldassare Castiglione,<sup>20</sup> seu aluno por oito anos, a família de Vittorino possuía boa posição social em Feltre. Vespasiano da Bistici<sup>21</sup> descreve-os como *onesti parenti*. O pai, Bruto de' Rabaldoni, era um escrivão de poucos recursos. Vittorino, que sempre precisou trabalhar para sobreviver e estudar, considerava o trabalho um motivo de enobrecimento humano. Sua atitude diante da riqueza era de desprezo e possuía apenas o essencial. Francesco Prendilacqua,<sup>22</sup> aluno e biógrafo de Vittorino da Feltre, escreveu a respeito da casa que ele recebera do marquês Gonzaga: “Vittorino comprou no subúrbio de Mântua um pequeno horto, com poucas videiras, antiga morada do nosso Poeta que, segundo a orgulhosa tradição de nossos concidadãos, ali nasceu. E este lugar, muito próximo à cidade, ele freqüentava com os discípulos em sinal de veneração. A gente daqui o chama *O monte de Virgílio*: um pouco mais alto do que os outros e proeminente sobre as colinas. Esta a riqueza de Vittorino”. De acordo com Signorini,<sup>23</sup> Vittorino possuía o direito de usufruto e não a propriedade, que ficava em Pietole,<sup>24</sup> a antiga Andes onde Virgílio nasceu.

Não se tem conhecimento a respeito dos seus estudos em Feltre. Em Pádua, ele freqüentou os cursos públicos de dialética, filosofia e retórica da Universidade. Enfrentava muitas dificuldades financeiras, porque os cursos eram gratuitos, mas os livros muito caros. Apesar de auxiliado por parentes abastados de Pádua, os Enselmini, sustentava-se como professor particular de gramática. Conseguiu o título de *Magister artium* por volta de 1410 e continuou a estudar depois disso. É característica dos docentes humanistas não haver uma separação definitiva entre o aprendizado e o ensino, conhecida como *cupiditas discendi*, o desejo intenso de aprender. Assim, os mestres retornavam periodicamente a freqüentar as classes como alunos.

Durante os quase vinte anos que Vittorino viveu em Pádua, foi influenciado principalmente por Pier Paolo Vergerio, Giovanni Conversino da Ravenna, Gasparino Barzizza e Paolo Nicoletti.

A questão do cristianismo era fundamental para Vittorino. Seguiu o curso de filosofia de Vergerio, o primeiro pedagogo humanista, que publicara em 1403

o *De ingenuis moribus*, em que conciliava a fé cristã com o entusiasmo pelos estudos clássicos.

Vittorino estudou latim com Gasparino Barzizza, considerado o maior latinista daquele tempo. Era habitual que os professores recebessem alunos para complementar o orçamento doméstico e, além de aluno, Vittorino foi pensionista na casa de Barzizza.

Vittorino seguiu as aulas particulares de matemática de Biagio Pelacani, um dos poucos professores de matemática. Para freqüentar o curso de Pelacani durante um semestre, Vittorino empregou-se como *famulus* na casa do professor. Não suportando os maus tratos, abandonou as aulas e começou a estudar com Jacopo della Torre da Forlì, com quem aprendeu, além de matemática, física e astrologia. Na medalha de Vittorino,<sup>25</sup> feita por Pisanello, encontra-se a inscrição: *Victorinus Feltrensis summus mathematicus et omnis humanitatis pater*. Até o ano de 1415, Vittorino lecionou matemática e gramática em Pádua.

O fim do século XIV foi um período importante para a cultura italiana. Emanuel Chrysolora, o famoso professor de Constantinopla, chegara a Florença em 1397. O grego, que era desconhecido na Itália, começou a ser ensinado no Studio fiorentino. Em 1415, Vittorino foi para Veneza. Aprendia grego com Guarino e ensinava gramática e matemática, principalmente a filhos do patriciado veneziano. Abriu sua própria escola e obteve reconhecimento como educador. No século XIV, já existiam alguns internatos particulares em cidades da Itália, semelhantes a conventos. O modelo de Vittorino era o da escola monástica.

Vittorino ficou em Veneza até março de 1419. De volta a Pádua, montou um internato que dirigiu por dois anos. Em 1421, Barzizza transferiu-se para Milão e Vittorino sucedeu-o na prestigiada cátedra de retórica da universidade. Mas não suportou o desregramento dos estudantes. Abandonou o ensino público e a cidade, retornando a Veneza no ano seguinte. Ali, abriu um internato freqüentado por estudantes de toda a Itália.

Em 1422, o marquês Gianfrancesco Gonzaga convidou-o a se estabelecer em Mântua. Provavelmente foi uma sugestão de Guarino da Verona, que se tornara amigo de Vittorino e não pudera aceitar o convite que lhe fora feito pelo marquês para ser preceptor de seus filhos. Vittorino hesitou, mas afinal transferiu-se para Mântua em 1423. A prisão, por motivos políticos, de

seu primo Enselmino degli Enselmini em Pádua deve ter pesado na decisão.

A carta que enviou ao marquês, aceitando a incumbência de educar-lhe os filhos, recorda a regra de São Francisco, em que a virtude moral é colocada acima da hierarquia humana. Preserva o direito de somente acatar ordens que não ofendam sua consciência.

O relacionamento entre Vittorino e os Gonzaga foi sempre excelente. Em Mântua, teve toda liberdade e independência que desejou para trabalhar. Criou a Giocosa, a primeira escola que realizou a fusão dos ideais humanistas com os princípios cristãos; tornou-se a mais renomada escola humanística do Renascimento e um centro de erudição. Além dos filhos do marquês Gonzaga, ali estudaram os herdeiros das famílias nobres das cortes italianas, os filhos de humanistas<sup>26</sup> e também, pela primeira vez, crianças que não podiam pagar o ensino.

Havia grande diversidade de origem social entre os alunos: os filhos do marquês e da aristocracia, de humanistas e também de famílias pobres. Cada aluno pagava de acordo com suas posses. No ano de 1443, dos setenta que freqüentavam a Giocosa havia cerca de quarenta não pagantes. Algumas famílias mais necessitadas recebiam auxílio do governo por intermédio de Vittorino para que os filhos não abandonassem os estudos para trabalhar. Havia adultos e crianças das mais variadas idades. Meninas eram admitidas e foi uma delas, Cecília Gonzaga, irmã de Ludovico, o maior destaque pelo brilho da inteligência entre todos os que ali estudaram. Alguns alunos eram estudantes em certas disciplinas e professores em outras. Vittorino desejava que em sua escola prevalecesse o desejo de aprender. Não permitia que nela permanecesse quem não se enquadrasse no padrão exigido por ele.

O edifício onde funcionou a escola fora construído junto à residência oficial da corte<sup>27</sup> por Francesco Gonzaga, capitão de Mântua, para abrigar roupas, jóias, livros e objetos de arte que ele havia trazido de uma viagem à França. A expressão *Domus nostrae Zoiosae*, casa alegre, local de prazeres e divertimentos, aparece pela primeira vez em um documento de 1389. De acordo com Paglia,<sup>28</sup> o prédio deve ter começado a ser construído no ano anterior.

O nome da escola deveria ser *Ca' Gioiosa*, em vêneto *Ca' Zoiosa*. Vittorino sugeriu trocar para *Giocosa*,

*gioco* do latim *jocus*, sinônimo de *ludus*. Os nomes *Zoiosa* e *Giocosa* alternam-se nos documentos.

A *Giocosa* foi a casa de Vittorino, dos filhos do marquês e também um internato. Tornou-se logo muito procurada e fez-se necessária a construção de uma segunda casa vizinha, onde moravam alguns alunos.

Era um edifício imponente junto ao rio, cercado por gramados e árvores altas, o interior amplo e bem iluminado e as paredes com afrescos representando crianças a brincar e jogar. Vittorino retirou da casa tudo o que fosse excessivo na decoração. Procurou tornar o local o mais simples e agradável possível, mantendo o que incentivasse a atividade intelectual. Isso era inusitado, sendo as escolas medievais ambientes escuros e pouco ventilados. Na Giocosa não havia calor artificial. Vittorino considerava que o frio era causado pela fraqueza do corpo e da mente e que um corpo vigoroso e um espírito alegre não sentiriam o frio. A disciplina rígida, no entanto, não implicava castigos corporais.

A questão do cristianismo era fundamental para Vittorino. O ensino religioso tinha a maior importância. A inspiração da escola era religiosa, mas sem a presença do clero.

Vittorino, assim como Alberti, sofreu influência da obra de Quintiliano (c. 42-118), *Institutio oratoria* [A educação do orador]. Nos 12 volumes, em que trata da educação desde a infância até a formação do orador, Quintiliano enfatiza o poder da expressão e da personalidade, considerando educado um homem que consegue se expressar com sinceridade, desembaraço e persuasão a respeito de toda a gama de conhecimento. Por isso na Giocosa era dada especial importância à leitura em voz alta e à declamação.

O biógrafo de Vittorino, Woodward,<sup>29</sup> comenta o quão difícil é imaginar a desorientação causada pela descoberta das obras da Antiguidade naquele período. O antigo ideal de conhecimento elaborado durante séculos fora substituído no espaço de uma geração por um novo ideal, ainda não completamente concretizado, e a educação avançava por meio de tentativas. A relação entre as novas aspirações e a antiga fé e o conflito entre o culto grego ao corpo e o ascetismo da Igreja eram questões difíceis. Quando Vittorino começou a ensinar em Pádua, no princípio do século XV, essas questões começavam a se apresentar. À época

de sua morte, em 1446, muitas soluções haviam sido obtidas por meio da imitação da Antiguidade e, principalmente, pela atividade cotidiana de mestres, entre os quais ele se destacou.

Guarino da Verona traduzira e publicara o tratado de Plutarco *De liberorum educatione* por volta de 1411. Dez anos depois, fora descoberto o texto completo do *De oratore* de Cícero. As conclusões de Vittorino a respeito da educação levaram-no a adotar na escola em Mântua métodos educacionais utilizados na Grécia e em Roma. O desejo de harmonia visava à formação integral do indivíduo, destacando a atividade física na formação da personalidade. Era considerado de igual importância tanto o desenvolvimento intelectual quanto o físico, sendo incentivadas a prática da ginástica e as excursões aos lagos e aos Alpes.

O ensino tinha por base a arte do trívio e do quadrívio. Havia aulas de latim e grego, álgebra, aritmética, geometria, lógica, astrologia, ética, dialética, ciências naturais, astronomia, história, música e eloquência. A música era vista com restrições por se temer que pudesse afetar demasiadamente os sentidos. O estudo do grego era enfatizado. O grego e o latim,

a literatura grega e a latina e a história antiga eram aprendidos em textos clássicos.

Vinte e três anos após ter criado a escola de Mântua, Vittorino faleceu, a 2 de fevereiro de 1446. Ele não escreveu qualquer texto. A correspondência que manteve com o amigo Ambrogio Traversari, à exceção de seis cartas, foi perdida. Apesar disso, a influência humanista de sua escola na educação e no caráter moral abrangeu todo o Renascimento por intermédio da ação de seus alunos. O estudo do grego, proporcionando acesso às fontes originais, foi fundamental para incentivar o interesse antiquário. Entre os alunos da Giocosa estavam muitos dos futuros comitentes do Renascimento, como o próprio Ludovico III Gonzaga e Federico da Montefeltro, duque de Urbino.

Vittorino da Feltre, que bem poderia ser o homem de negro [Fig. 3] pintado por Mantegna na parede da *Camera picta*, reuniu em si os ideais humanistas descritos por Baldassare Castiglione, aluno da Giocosa por oito anos, no *Libro del Cortigiano*,<sup>30</sup> em que estabelece o ideal de comportamento para o homem do Renascimento.

<sup>1</sup> Andrea Mantegna (1430/1-1506). *A Corte*, c. 1474, afresco a seco, Parede norte da *Camera picta*, Castelo San Giorgio, Mântua.

<sup>2</sup> O personagem de negro foi identificado como:

(a) Vittorino da Feltre (Luzio e Renier, *Mantova e Urbino*, Turim, 1892, p.173, cit.in Kristeller, Paul, *Andrea Mantegna*, n.1, p.240, Longmans, Green and Co., Londres, 1901)

(b) Bartolomeo Manfredi, astrônomo da corte e construtor do relógio da torre (hipótese de Stefano Davari transmitida oralmente para Kristeler in Kristeler, Paul, Op. cit., n. 2, p. 244)

(c) Francesco Prendilacqua, aluno de Vittorino da Feltre e também autor de sua mais completa biografia, *Vita Victorini*, que começou a escrever em 1466. Prendilacqua era filho de Niccolò e de uma irmã de Ludovico Accordi, ambos de Verona. (BELLONCI, Maria & GARAVAGLIA, Niny, *Mantegna*, p. 106 Rizzoli, Milão, 1966)

<sup>3</sup> A 29 de maio de 1453, dois anos após subir ao trono do Império Otomano, o sultão Maomé II conquistou Constantinopla. O próximo objetivo era Roma. O papa convocou um congresso que demonstrasse a força e a unidade do mundo católico do Ocidente e lançasse a cruzada contra os turcos. A escolha natural para sediá-lo, Roma, não era adequada. Os príncipes alemães alegariam a questão da distância para não

comparecer, pois preferiam que o papa fosse ao seu encontro. Outra possibilidade seria uma cidade italiana fora do território da Igreja. O papa decidiu-se por Mântua. O fato de ser um pequeno marquesado afastava suspeitas e não provocava inveja ou ciúmes. O marquês Ludovico III Gonzaga possuía habilidade diplomática e excelentes relações com as potências européias, inclusive de parentesco. A escolha do local deveria agradar aos alemães e especialmente ao imperador, cuja presença era tão desejada pelo pontífice. A 22 de outubro de 1458, Pio II comunicou ao marquês sua decisão por meio de um breve papal entregue, significativamente, pelo bispo mantuano Galeazzo Craviani, que fora nomeado governador de Roma pelo período em que o papa se ausentasse. Acompanhado por apenas seis cardeais, o papa saiu de Roma a 22 de janeiro de 1459. A maioria do colégio cardinalício era muito idosa e aguardou uma estação mais propícia para viajar. A comitiva seguiu lentamente por Perugia e Siena, chegou a Florença em abril, passou por Bolonha e, no fim de maio, entrou em Ferrara, onde o duque Borso D'Este forneceu uma embarcação para que se completasse o percurso por rio.

<sup>4</sup> Quando finalmente, a 27 de maio, Pio II chegou a Mântua, seu primeiro ato foi visitar o local em que se julgava ter sido a casa de Virgílio.

- <sup>5</sup> Enea Silvio de'Piccolomini, Pio II, *Commentarii rerum memorabilium quae temporibus suis contigerunt*, Livro I, Roma, 1584, citado por BINI, Italo, *Mantova sede papale durante la dieta convocata da Pio II*, In *Civiltà Mantovana*, n. 3, p. 9, Mântua, 1984,
- <sup>6</sup> GARIN, Eugenio. "Ritratto di Enea Silvio Piccolomini", In *Ritratto di Umanisti*. Sansoni, Florença, 1967, p. 29.
- <sup>7</sup> O Palazzo Ducale dos Gonzaga é um conjunto de edifícios interligados, de períodos e estilos diferentes, e que sofreu muitas intervenções. O núcleo mais antigo é a Corte Vecchia, que inclui o Palazzo del Capitano e a Magna Domus, do século XIII, e a Domus Nuova, do século XIV. O Castelo de San Giorgio foi erguido no século XV e a Corte Nuova, no XVI, já com projeto de Giulio Romano (1492/9-1546).
- <sup>8</sup> Lucca Fancelli, nasceu em Settignano em 1430. Era arquiteto, engenheiro militar e escultor. Trabalhou em Mântua, contribuindo para a afirmação da forma renascentista da cidade. Muitas vezes, ele foi o intermediário entre Ludovico Gonzaga e Mantegna, de quem era muito próximo. Morreu em Mântua em 1495.
- <sup>9</sup> Construído pelo astrólogo e matemático Bartolomeo Manfredi, o relógio indicava as horas, estações, fases da lua e a posição do Sol em relação aos signos do Zodíaco.
- <sup>10</sup> Antonio Pisano, conhecido como Pisanello, nasceu provavelmente em Pisa entre os anos 90 e 95 do século XIV. O primeiro trabalho de maior vulto foi um afresco (atualmente perdido) pintado no Palazzo Ducale em Veneza, juntamente com seu mestre Gentile da Fabriano (c. 1370-1427), por volta de 1415. É provável que tenha sido nessa ocasião que Pisanello conheceu Gianfrancesco Gonzaga, que lá se encontrava participando de um torneio.
- <sup>11</sup> Longuino, o soldado romano que feriu Cristo com a lança, converteu-se no instante em que caíam as gotas de sangue da ferida que provocou. Esse mesmo cálice, perdido e encontrado milagrosamente em Mântua por duas vezes durante a Idade Média, encontra-se na cripta de Sant'Andrea, sob o ponto central da igreja em frente ao altar-mor.
- <sup>12</sup> A referência a São Longuino indica a provável origem da cristianização de Mântua por meio do exército romano.
- <sup>13</sup> Andrea Mantegna nasceu provavelmente entre 1430 e 1431 em Isola di Carturo, próximo a Vicenza e Pádua. De família muito pobre (o pai era carpinteiro), entrou para o ateliê de Francesco Squarcone (1397-1468) por volta dos dez anos de idade como filho adotivo. Mantegna casou-se com Nicolosia, filha de Jacopo Bellini, em 1453. Em 1457, aceitou o convite de Ludovico Gonzaga para fixar-se como pintor da corte em Mântua, para onde se mudou definitivamente em 1460. Exceto por duas viagens à Toscana em 1466 e 1467 e um período entre 1488 e 1490, em que esteve em Roma a pedido do papa Inocêncio VIII para decorar uma capela no Vaticano (mais tarde demolida), residiu em Mântua até a morte, em 13 de setembro de 1506. Foi ali sepultado na capela funerária de Sant'Andrea.
- <sup>14</sup> O nome *Camera degli sposi* é devido à presença de um pavão, atributo de Juno, deusa que presidia o casamento.
- <sup>15</sup> A sala foi seguidamente vítima de infortúnios que causaram graves danos materiais. Já no ano da morte de Mantegna, 1506, a infiltração de água da chuva obrigara a um restauro executado pelos filhos do pintor. Foram muitos os estragos causados pelas tropas imperiais que ocuparam o palácio em 1630 e praticaram tiro ao alvo em uma das figuras. A sala ficou abandonada até por volta de 1875. As restaurações foram todas inadequadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, a *Camera picta* foi protegida com colchões e camadas de palha, o que pode ter agravado a situação dos afrescos. A última restauração foi feita em 1987.
- <sup>16</sup> VASARI, Giorgio; BAROCCHI, Paola. *Le vite dei più eccellenti pittori, scultori e architetti, vita di Andrea Mantegna*, Florença.
- <sup>17</sup> No início de 1480, antes de retornar a Florença, Poliziano compôs a *Favola de Orfeo* para uma festa de carnaval organizada pelo cardeal Francesco Gonzaga. A peça foi apresentada na *Camera picta*, com cenários de Mantegna.
- <sup>18</sup> Masaccio (1401-28), *Ressurreição do filho de Teófilo*, 1426-1427, afresco, 230 x 598 cm, capela Brancacci Santa Maria del Carmine, Florença.
- <sup>19</sup> Pisanello (c. 1395-1455), *Retrato de Vittorino da Feltre*, medalha de bronze, diam. 6,7 cm, logo após 2 de fevereiro de 1446, Museo Nazionale del Bargello, Florença.
- <sup>20</sup> VALITUTTI, Salvatore. "Inattualità ed attualità di Vittorino da Feltre", In *Accademia Virgiliana di Mantova*, vol. XLVII, p. 163, Mântua, 1979.
- <sup>21</sup> VESPASIANO DA BISTICCI-FRATI, Ludovico, *Vite di uomini illustri del secolo*. vol. secondo, p. 222, Romagnoli-Dall'Acqua, Bologna, 1893.
- <sup>22</sup> PRENDILAQUAE-GARIN, Eugenio, "De Vita Victorini Feltrensis dialogus", In *Il pensiero pedagogico dell' Umanesimo*, pp. 642-3, 1958.
- <sup>23</sup> SIGNORINI, Rodolfo. "Una donazione rifiutata da Vittorino da Feltre", In *Civiltà Mantovana*, p. 1, n. 11, 1986, Mântua.
- <sup>24</sup> Pietole seria a Andes da Antiguidade.
- <sup>25</sup> Pisanello (1395-1455), *Medalha de Vittorino da Feltre*, logo após 2 de fevereiro de 1446, Museo Nazionale del Bargello, Florença.
- <sup>26</sup> Guarino da Verona, Poggio Bracciolini e Francesco Filelfo enviaram os filhos para estudar em Mântua.
- <sup>27</sup> Em 1884, foi estabelecido o local que a escola ocupava: o extremo da atual Piazza Sordello, junto à Piazza della Fiera, onde fica o prédio do antigo Mercado dei Bozzoli, entre a Via San Giorgio e a Piazza del Castello.
- <sup>28</sup> PAGLIA, E. *La casa Giocosa di Vittorino da Feltre in Mantova*, In *Archivio Storico Lombardo*, XI, fasc. I, p. 7, 1884, citado por SIGNORINI, Rodolfo. *Un'altra "Ca' Zoiosa" (o Giocosa) a Rodigo*, In *Civiltà Mantovana*, n. 9, p. 87, 1994, Mântua.
- <sup>29</sup> WOODWARD, W.H. *Vittorino da Feltre and Other Humanist Educators* (Cambridge, 1897, repr. 1964), citado por VALITUTTI, Salvatore, Op. cit., p. 176.
- <sup>30</sup> O texto do *Libro del Cortigiano* começou a ser escrito por volta de 1513, sendo revisto e alterado continuamente. Foi publicado pela primeira vez na primavera de 1528, em Veneza, por Aldo Manuzio e em Florença, pelos Giunti. As edições foram cuidadosamente curadas por Castiglione.



1 Andrea Mantegna, *A Corte* (c.1474)



2



3

2 Andrea Mantegna, *A Corte* (c.1474)

3 Andrea Mantegna, *A Corte*, detalhe:  
Vittorino da Feltre?, c.1474



4



5

4 Andrea Mantegna, *A Corte*, detalhe:  
Ludovico III Gonzaga, segundo marquês  
de Mântua (c.1474)

5 Andrea Mantegna, *A Corte*, detalhe:  
Bárbara de Brandenburgo, marquesa de  
Mântua (c.1474)

6 Pisanello, *Retrato de Vittorino da Feltrre*,  
medalha de bronze, fevereiro de 1446



6